

**Evento:** XVIII Jornada de Extensão

## **RESSIGNIFICAR<sup>1</sup> RESIGNIFY**

**Flavia Flach<sup>2</sup>, Karina Machado<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de Extensão realizado no Curso de Psicologia Unijuí

<sup>2</sup> Professora Mestre Departamento de Humanidades e Educação, Curso de Psicologia Unijuí

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia UNIJUI

### **INTRODUÇÃO**

O Projeto "Ressignificar" é desenvolvido por estagiários do Curso de Psicologia da Unijuí, junto a Liga Feminina de Combate ao Câncer de Ijuí, tendo como objetivo atuar na área da psicologia oncológica visando identificar, compreender e trabalhar com os fatores emocionais que intervêm no processo do adoecimento.

Como parte do projeto, uma das atividades propostas foi, juntamente as voluntárias da Liga, realizar visitas aos pacientes internados no Hospital de Caridade de Ijuí, tendo como objetivo fazer o acolhimento aos assistidos e seus familiares criando um espaço de ressignificação e apoio no enfrentamento da doença.

O diagnóstico em si já traz um impacto pelo nome, já que a palavra câncer vem carregada de estigmas como: morte, dor, sofrimento, perda o que pode acabar mobilizando e congelando a vida do indivíduo e sua relação com o mundo. A partir deste momento, pacientes e familiares passam por mudanças psicossociais, ambientais, por sentimentos de angústia, medos, fantasias, raiva, culpa, perda ou conflito de identidade, entre outros.

A questão em destaque aqui é entender como se apresentam esses efeitos em um setting hospitalar, a fim de auxiliar estes pacientes e seus familiares, oferecendo um espaço para que possam reconhecer as angústias acerca do tratamento, podendo simbolizar esse processo e resignificá-lo.

### **METODOLOGIA**

Realizar o acolhimento de pacientes oncológicos no Hospital de Caridade de Ijuí englobando os assistidos internados na ala oncológica, nas alas de procedimentos de radioterapia e quimioterapia, ou no ambulatório.

O trabalho clínico é supervisionado, e o acompanhamento não se restringe apenas aos pacientes, mas também aos familiares e cuidadores, que os acompanham durante todo este processo.

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O diagnóstico de câncer se constitui como uma ameaça à preservação do corpo físico; porém, ele também coloca em xeque o psiquismo do sujeito, já que implica na ameaça de perda tanto dos

**Evento:** XVIII Jornada de Extensão

objetos, aos quais o sujeito está libidinalmente vinculado, quanto da sua identidade, elementos que são indispensáveis à manutenção da vida psíquica. O diagnóstico, com a ideia de morte e mutilação que traz consigo, ameaça a imagem corporal e a estrutura familiar, em resumo, o universo de significações que davam um sentido à vida da sujeito.

Desse modo, tanto o passado como o futuro passam a ser questionados. Muitos pacientes não conseguem pensar em planos futuros, nem de curto prazo, pois eles são contaminados com a ideia de morte. O passado também fica desprovido de sentido, uma vez que, tinha como norte os planos futuros. Desta forma, os sujeitos ficam ilhados, amarrados a seu dia a dia; a um presente sem passado e sem futuro. Assim, podemos considerar que essas pessoas estão sujeitas à instalação de “estados traumáticos”.

No hospital podemos observar o sofrimento dos pacientes e seus familiares diante da doença, das mudanças que, geralmente, são bruscas, principalmente no que diz respeito as mudanças de rotina, sono, alimentação, relacionamentos, limitação das possibilidades físicas, entre outros.

A doença é algo real do corpo, no qual o homem esbarra e, quando isso acontece, toda a subjetividade é sacudida. É então que entra em cena o psicólogo, que se oferece para escutar esse sujeito doente, o qual vai falar de si, da doença, da vida ou da morte, do que pensa, do que sente, do que teme, do que deseja, do que quiser falar. A psicologia está interessada na subjetividade do paciente, restituindo-lhe o lugar de sujeito (SIMONETTI, 2004, p. 19).

Ao fazer a escuta destes pacientes, dá-se a eles um espaço. Ali encontramos sujeitos com desejo de se expressar singularmente, e esta é a abertura que possibilitará um posicionamento frente a sua patologia. São indivíduos com histórias interrompidas, sempre expressando a religiosidade como fator primordial para a recuperação e superação da enfermidade.

O adoecer é uma dolorosa ferida no sentimento de onipotência e imortalidade, encarados por muitos, como uma ameaça ao destino. Estando na condição de paciente, internado ou realizando algum procedimento, este sofre com as exigências, impossibilidades e enquadramento que a instituição impõe. Este status de hospitalizado torna-o mais frágil, destituído de seus hábitos, seu trabalho, suas roupas, familiares e amigos. Aceitar este processo é aceitar ser despido de sua subjetividade. Os pacientes reagem diferentemente á internação e á doença.

O processo de hospitalização deve ser entendido não apenas como um mero processo de institucionalização hospitalar, mas, e principalmente, como um conjunto de fatos que decorrem desse processo e suas implicações na vida do paciente. (CAMON, 1995, p.11)

A maneira pela qual um sujeito possa reagir diante de sua enfermidade, depende de diversos fatores, entre eles, suas vivências subjetivas, aspectos de sua personalidade, suas crenças, o que lhe foi dito, seu estado emocional, a parte do corpo que está sendo atingida e o apoio que possa receber.

Uma questão que se repete ao escutar esses pacientes é como o câncer invade o corpo, e a grande escala de desinformação sobre a doença, favorecendo o surgimento de sentimentos como a ansiedade e o stress. Aos poucos o paciente se depara com o enfraquecimento das funções vitais, emagrecimento ou inchaço abrupto, alopecia decorrente da quimioterapia, cirurgias, dentre outras alterações corporais. Vemos que dificilmente se é possível atravessar uma patologia com a complexidade do câncer, sem o estranhamento das alterações da imagem, o sujeito não se reconhece neste corpo refletido, não há representação ou registro para o eu.

Sendo assim umas das principais intervenções da psicologia dentro do âmbito hospitalar com pacientes oncológicos é promover o resgate da identidade dos pacientes, que sofrem um processo

**Evento:** XVIII Jornada de Extensão

de despersonalização. O sujeito deixa de ter seus próprios significados, passando a ser aquilo que lhe é permitido segundo o diagnóstico. Segundo CAMON (1995) "O paciente muitas vezes deixa de ser chamado pelo próprio nome e passa a ser um número de leito ou até mesmo o portador de certa patologia". (p.2)

Brandão et al. (2004) explicam que, no caso específico do câncer, a adaptação a uma nova imagem corporal pode ser lenta e difícil. Isso porque, na situação de fragilidade, o indivíduo se remete às suas percepções infantis, ou seja, à sua formação de imagem corporal mais regredida. A percepção de seu corpo influencia diretamente no processo de saúde-doença, na implicação com o tratamento e na busca da cura (BITTENCOURT et al., 2009).

Nesse aspecto, nosso trabalho no hospital, apesar das interferências decorrentes da rotina multiprofissional e de situações adversas referentes ao estado do paciente, é se enquadrar em um setting terapêutico que mais se adequa à situação de hospitalização do mesmo, oferecendo um espaço de escuta, para assim compreender o significado que a doença e todo o processo de adoecimento têm para o paciente, no sentido de facilitar o enfrentamento da doença, minimizando seu sofrimento.

O trabalho de ressignificação pode ser demorado, em um primeiro momento possibilitando que o paciente trabalhe suas fantasias, se interrogue sobre sua doença e sobre sua posição, para modificar os significados mistificados e introjetados pela doença, suportado pela transferência, afim de ressignificar esse processo de adoecimento, construindo novas possibilidades e qualidade de vida.

Durante o ano de 2016 foram atendidos pacientes que estavam iniciando o tratamento, outros que já estavam finalizando-o, alguns que prestamos acolhimento somente durante algum pré ou pós-procedimento cirúrgico ou durante algum encontro esporádico no ambulatório. Alguns tivemos a possibilidade de reencontrar durante o percurso e acompanhar sua trajetória, outros não, em decorrência do tratamento e rotina a qual estavam implicados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio possibilitou uma abertura para pensarmos o quanto o papel da psicologia é fundamental em uma instituição hospitalar compreendendo o sujeito em sua totalidade, visando que os processos de adoecimento estão muito além deste corpo que se encontra padecido. Assim se emerge o reconhecimento de que em cada paciente, características singulares e processos biológicos precisam ser incluídos e observados, para se atingir uma conceptualização precisa de saúde e doença, fazendo uma interação entre processos emocionais e processo corporal.

As maiores questões de que o câncer acaba trazendo, não se restringem apenas à doença em particular, são universais e antigos, mas é na realidade oncológica que eles se manifestam com extrema intensidade: a desinformação, o estigma e o medo; o sofrimento físico e psíquico de pacientes, familiares e cuidadores.

O estágio trouxe também uma reflexão em relação de que ainda há muito que se fazer, em termos de operacionalização e inserção de uma maior abertura e espaço de nosso trabalho no âmbito hospitalar, onde o sujeito encontra-se em sofrimento máximo, e é a escuta que irá possibilitar esse novo olhar sobre o corpo, a doença e sua história de vida, afim de ressignificar este processo de adoecimento.

**Evento:** XVIII Jornada de Extensão

**PALAVRAS-CHAVE:** Câncer; Adoecimento; Psico Oncologia; Acolhimento; Escuta

**KEYWORDS:** Cancer; Psycho oncology; Sicken; Reception; Listening

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Ailse Rodrigues; ALVES, Denise Yokoyama; LUZIA, Nilsira de Souza; MENEZES, Maria de Fátima Batalha de; SÓRIA, Denise de Assis Corrêa. A temática da imagem corporal na produção científica nacional da enfermagem: um destaque para os pacientes com câncer. Revista Brasileira de Cancerologia, 2009. Disponível em: Acesso em: 07 jun 2017

BRANDÃO, Carmen Lúcia Coutinho; ARANHA, Valmari Cristina; CHIBA, Toshio; QUAYLE, Julieta; DE LUCIA, Mara Cristina Souza. A imagem corporal do idoso com câncer atendido no ambulatório de cuidados paliativos do ICHC- FMUSP. Psicologia Hospitalar: São Paulo [online], 2004, vol.2, n.2. Disponível em: Acesso em: 07 jun 2017

CAMON, V. A. (1995). O Psicólogo no Hospital. São Paulo: Pioneira.

SIMONETTI, A. Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença. 4. ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.